

O ROSTO LEVANTADO

DE NORBERTO ÁVILA
50 anos de Vida Literária



Para o Cendrev é sempre motivo de grande regozijo inscrever mais um dramaturgo na galeria dos autores representados pela companhia. Desta vez a nossa satisfação é dobrada porque, tratando-se de um autor português, esse autor é um amigo e colaborador deste projecto teatral desde a sua instalação em Évora em Janeiro de 1975. Norberto Ávila, cumpre este ano cinco décadas de vida literária e a melhor forma de celebrar a sua obra é, seguramente, levando à cena uma das suas peças.



“O Rosto Levantado” foi a nossa escolha de entre os textos da sua dramaturgia, por se tratar de uma história que se desenrola no Alentejo, a região onde prioritariamente desenvolvemos a nossa intervenção cultural.

Os objectivos estabelecidos para este espectáculo compreendem, para além do seu tempo de exploração no Teatro Garcia de Resende e noutras centros urbanos, a realização de uma digressão no território rural, já que a sua montagem foi concebida de modo a poder apresentá-lo em óptimas condições nas Casas do Povo e noutras colectividades das aldeias e vilas do Alentejo.

A arte teatral é, por excelência, um espaço de trabalho onde se reúnem várias disciplinas artísticas; cada espectáculo constitui uma experiência verdadeiramente nova, não só porque o ponto de partida – o texto – assim o determina, mas também porque cada projecto artístico implica a constituição de uma equipa que lhe dê forma. O envolvimento de artistas locais e de instituições culturais da cidade tem sido uma constante no trabalho que o Cendrev tem desenvolvido porque entendemos que estes quadros de colaboração são um meio importante para a qualificação da nossa acção e, conseqüentemente, para uma intervenção cultural cada vez mais abrangente.

“O Rosto Levantado” é também o resultado desse espaço de encontros e reencontros que o tempo vai forjando, como acontece agora com o Grupo Coral Cantares de Évora que já, em 1984, tinha participado no espectáculo “Sem Alterações (As alterações de Évora de 1637)” realizado no Pátio do Salema.

Aqui fica o nosso público agradecimento.

EM ÉVORA: — GRATO E CONFIANTE

Na sequência da mensagem que me enviou José Russo, em Janeiro deste ano, sobre uma próxima programação de *O ROSTO LEVANTADO* no repertório do Cendrev, tive o prazer de endereçar-lhe uma arrebatada mensagem, de que me permito reproduzir o seguinte parágrafo:

“E quero que saibas que essa estreia (para mais, *absoluta* ou *mundial*, como se costuma dizer) representa muitíssimo para mim. Não vejas nisto qualquer sinal de exagero ou hipérbole. Não se trata apenas de mais uma produção teatral como muitas e muitas dezenas que, a partir dum texto meu, têm ocorrido em teatros da Europa. Porque, na verdade, várias são as razões que justificam o meu amor por Évora. Na minha infância, sempre se falou de Évora com entusiasmo, já que os meus pais (açorianos como eu) aí viveram alguns anos. E direi até que o meu irmão imediatamente anterior, Norberto, aí nasceu. Falecido ele, de tenra idade, haveria eu de herdar-lhe o nome, nascido já em Angra do Heroísmo. E tive o prazer de assistir às cerimónias que cele-

braram a geminação das duas cidades, as primeiras, entre nós, a merecer a distinção honrosa de Património Mundial. Acresce ainda que a minha peça de juventude *O Homem que Caminhava sobre as Ondas* (escrita em 1959) foi no ano seguinte representada pela Sociedade Dramática Eborense, em encenação de Joaquim Carrageta. Com gratidão e afecto, não quero deixar de referir-me a este amador teatral alentejano, estando ele na origem da minha “revelação” como autor dramático. Por outro lado, regozijo-me por, num momento propício da minha brevíssima carreira de funcionário da Secretaria de Estado da Cultura (4 anos apenas) ter tido a oportunidade de prestar alguma ajuda à criação do Centro Cultural de Évora e, com não menos fer-

vor, ter contribuído para que esse baluarte de sabedoria e sensibilidade populares — Os Bonecos de Santo Aleixo (cuja extinção parecia mais que certa) — pudesse continuar a encantar-nos, confiado a mãos e vozes competentíssimas. Enfim, como diz o povo: quem faz o que pode, a mais não é obrigado.”

Ora este biénio de 2009-2010 não pode deixar de ser substancialmente significativo para um autor dramático que (num país onde a escrita teatral é quase sempre tida como actividade literária de so-menos importância) ousou pôr à disposição dos repertórios nacionais e estrangeiros umas 3 dezenas de peças. (20 das quais, reunidas sob o título de ALGUM TEATRO, em 4 volumes, vão agora surgir, numa edição da Imprensa Nacional – Casa da Moeda.) Na verdade, cumprem-se neste biénio 50 anos de trabalho literário prioritariamente dedicado ao Teatro (já que as minhas peças mais antigas — *A Descida aos Infernos* e *O Homem que Caminhava sobre as Ondas* — datam ambas de 1959. Por outro lado, sendo 1960 o ano da minha estreia como dramatur-

go, no palco (e isso é o mais importante!), 2010 assinalará o outro cinquentenário, a que alguns devotos amigos pretendem associar-se.

Quanto a *O ROSTO LEVANTADO*, direi tratar-se da minha 11ª. peça, escrita em 1977-78, cuja acção decorre no Alentejo, por volta de 1970. Frequentes deslocações a estes predilectos lugares (primeiramente sozinho, depois na companhia de Mário Barradas, num e noutra caso avaliando as viabilidades de criação do Centro Cultural de Évora) suscitaram esta ficção dramática, até agora nunca representada. (Dela houve apenas uma leitura-espectáculo, a 16 de Junho deste ano, pelo Grupo de Teatro Maizum, com direcção de Silvina Pereira, na Livraria Bulhosa de Entrecampos, Lisboa.) E, embora fosse um texto recomendado pelo Júri de um Concurso da Associação Técnica e Artística da Descentralização Teatral, o facto de não ter sido publicado dificultou a sua divulgação. Pelo que, no 1º. volume de ALGUM TEATRO, tem agora a sua 1ª. edição. A dedicatória a Augusto Boal justifica-se pelo excelente e exemplar convívio que a sua permanên-

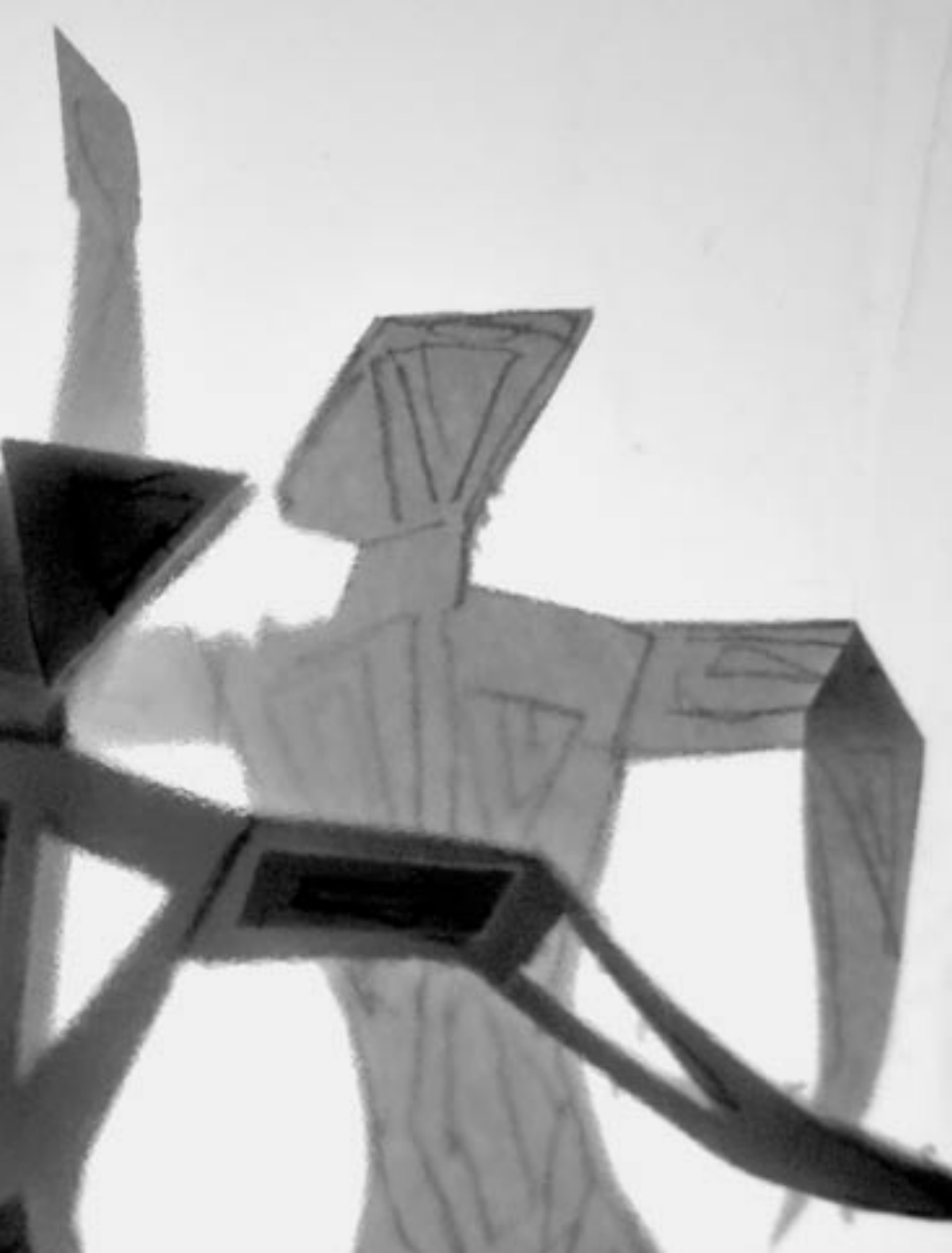
cia em Lisboa, no âmbito do exílio político e da consequente criatividade teatral, me proporcionou.

A poucos dias de revelar-se ao público do Teatro Garcia de Resende e de outros espaços alentejanos a nossa mensagem artística (e tido já o privilégio de assistir a alguns ensaios do espectáculo), sinto-me plenamente confiante no tra-

balho da equipa, sob a direcção autorizada de José Russo, na muito sugestiva cenografia de João Sotero, que (surpresa deveras agradável!) vem a ser afinal um conterrâneo meu, cujo percurso artístico me era, infelizmente, desconhecido. Caso para dizer: O Mundo é pequeno.

NORBERTO ÁVILA





UM RETRATO DO ALENTEJO NA CENA TEATRAL

A montagem de um novo espectáculo constituiu sempre o principal desafio da nossa actividade e, desta vez, tratou-se de pegar numa dramaturgia que traz para a cena o Alentejo de antes de Abril de 74, um retrato da situação social e política que se vivia nesta região no final dos anos 60.

Para quem, como eu, nasceu e viveu nestas paragens esta abordagem foi duplamente gratificante porque se tratou de trabalhar a partir de uma história que o Norberto Ávila criou baseada numa realidade que eu próprio vivi durante a minha infância e juventude.

A principal motivação para este trabalho resultou da circunstância de esta história nos confrontar exactamente com as nossas próprias memórias e o teatro é, seguramente, um excelente meio para provocar o encontro do público com a sua própria História. Daí a decisão de realizar esta viagem que nos transporta para um período em que se pode observar claramente a dimen-

são e importância do movimento social nos campos do Alentejo e o seu contributo para a concretização da revolução operada no nosso país no dia 25 de Abril de 1974.

Após a primeira leitura do texto, percebi imediatamente que havia matéria para construir um espectáculo. Uma história central que é pretexto para o desenvolvimento de muitas outras que reúnem um painel de personagens desenhados numa teia de relações determinadas pelos diferentes interesses em presença. Aqui chegados, tratou-se então de estabelecer o espaço cénico que melhor servisse as diferentes cenas da peça e, para isso, convidámos o escultor João Sotero. Para nos ajudar a seleccionar o guarda-roupa mais adequa-

do desafiámos outro amigo, Vasco Fernando e para encontrar a música para a “moda” que integra o espectáculo contámos com a colaboração do Grupo Coral Cantares de Évora. Finalmente, para dar corpo ao projecto, contámos naturalmente com as equipas do Cendrev a quem se juntou um jovem actor amador do Grupo Cénico da SOIR Joaquim António de Aguiar.

Terminado o processo de construção do espectáculo, é chegado o momento de deixar entrar o público e esperar que a sua reacção nos possa animar nas muitas representações que contamos realizar com mais esta produção do Cendrev.

JOSÉ RUSSO

BIOGRAFIA

NORBERTO ÁVILA nasceu em Angra do Heroísmo, Açores, a 9 de Setembro de 1936. De 1963 a 1965 frequentou, em Paris, a Universidade do Teatro das Nações. Criou e dirigiu a revista Teatro em Movimento (Lisboa, 1973-75). Chefiou, durante 4 anos, a Divisão de Teatro da Secretaria de Estado da Cultura; abandonou o cargo em 1978, a fim de dedicar-se mais intensamente ao seu trabalho de dramaturgo.

Traduziu obras de Jan Kott, Shakespeare, T. Williams, A. Miller, Audiberti, Husson, Schiller, Kinoshita, Valle-Inclán, Fassbinder, Blanco-Amor, Zorrilla e L. Wouters.

Dirigiu para a RTP (1.º Canal), a partir de Novembro de 1981, uma série de programas quinzenais dedicados à actividade teatral portuguesa, com o título de *Fila 1*.

As peças de Norberto Ávila têm sido representadas em países tão diversos como: Alemanha, Áustria, Bélgica, Brasil, Bulgária, Coreia do Sul, Croácia, Eslovénia, Espanha, França, Holanda, Itália, Portugal, República Checa, Roménia, Sérvia e Suíça. Registe-se o caso muito invulgar de *As Histórias de Hakim*, cujo número de encenações, a ní-

vel profissional mas também universitário e amator, ronda já uma centena.

No espaço nacional, um número não muito vasto de companhias profissionais (para além de grupos de teatro amator, estes, por vezes, com encenações profissionais) incluíram já obras deste dramaturgo nos seus repertórios. Refiram-se alguns deles, por ordem alfabética:

- CENDREV: — *O Rosto Levantado* (em 2009).
- GRUPO DE TEATRO ALPENDRE, Angra do Heroísmo: — *Viagem a Damasco* (em 1990).
- LANTERNA MÁGICA: — *A Ilha do Rei Sono* (em 1984) e *As Viagens de Henrique Lusitano* (em 1990).
- MARIONETAS DE LISBOA: — *As Histórias de Hakim* (em 1986).
- TEATRO “A OFICINA”, Guimarães: — *A Paixão Segundo João Mateus* (em 1996).
- TEATRO ANIMAÇÃO DE SETÚBAL: — *Fortunato e TV Glória* (em 1998).
- TEATRO DA MALAPOSTA: — *A Ilha do Rei Sono* (em 1990).
- TEATRO DA TRINDADE (INATEL), Lisboa: — *Arlequim nas Ruínas de*

- Lisboa* (em 1992). (Peça expressamente escrita para este teatro.)
- TEATRO DE PORTALEGRE: — *O Marido Ausente* (em 1989); *Uma Nuvem sobre a Cama* (em 1991); *Os Doze Mandamentos* (em 1994); *Salomé ou A Cabeça do Profeta* (em 2000); *Para Além do Caso Maddie* (em 2008). (Todas as 5 peças, expressamente escritas para esta companhia.)
 - TEATRO DO GERIFALTO: — *A Ilha do Rei Sono* (em 1967).
 - TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS: — *D. João no Jardim das Delícias* (em 1988).
 - TEATRO EXPERIMENTAL DO FUNCHAL: — *As Histórias de Hakim* (em 1979)
 - TEATRO EXPERIMENTAL DO PORTO: — *As Histórias de Hakim* (em 1978); *Florânia ou A Perfeita Felicidade* (em 1983). (Esta última, expressamente escrita para o TEP.)
 - TEATRO MONUMENTAL, Lisboa: — *As Histórias de Hakim* (em 1969).
 - TEATRO PERNA DE PAU, Lisboa: — *As Histórias de Hakim* (em 1977).
 - TEATRO POPULAR DE LISBOA: — *O Servidor da Humanidade* (em 1962).

Além fronteiras — desde a sua estreia em Évora, em 1960 — a presença do dramaturgo assinala-se em cidades como Barcelona, Paris, Berna, Genebra, Zurique, Groningen, Bruxelas, Liège, Berlim, Essen, Wuppertal, Hannover, Göttingen, Wiesbaden, Frankfurt, Mannheim, Estugarda, Munique, Magdeburgo, Leipzig, Brno, Veneza, Belgrado, Maribor, Zagreb, Seul... e outras muitas dezenas de cidades a que o seu nome passou a estar ligado, quer pela representação, quer pela edição.

Norberto Ávila é ainda autor de um romance sobre Antero de Quental e a Geração de 70 (*No Mais Profundo das Águas*, Ed. Salamandra, 1998). Publicou também um livro de poemas — *Percurso de Poeta* — distinguido com o Prémio Natália Correia em 1999.

Para mais ampla documentação, consultar oportunamente os 4 volumes de *ALGUM TEATRO*, bem como o site pessoal do autor: www.norberto-avila.eu

FICHA TÉCNICA

Autor

Norberto Ávila

Encenação

José Russo

Cenografia

João Sotero

Figurinos

Colaboração de Vasco Fernando

Música

Colaboração do Grupo Coral Cantares de Évora

Iluminação

Pedro Bilou

Interpretação

Álvaro Corte Real, Ana Meira, Jorge Baião, José Russo, Marco Silva
(jovem actor do grupo cénico SOIR – Joaquim António de Aguiar),
Maria Marrafa, Rosário Gonzaga, Rui Nuno, Victor Zambujo

Operação de Luz e Som

Pedro Bilou

Guarda-Roupa

Vicência Moreira

Construção

Tomé Baixinho, Tomé Antas, Paulo Carocho

Secretariado

Marlene Charneca, Ana Dominginhos, Margarida Rita

Design Gráfico

Milideias, Comunicação Visual, Lda